

MISTÉRIOS INSONDÁVEIS

Tempos atrás, escrevi uma crônica sobre o paradeiro de um sujeito que conheci na adolescência, chamado Grelê, morava à rua Couto Magalhães no centro de Franca. Poucos se lembravam dele, nem alguns dos vizinhos tinham memórias dele, desapareceu da velha Franca do Imperador sem deixar qualquer vestígio, ninguém sabe onde foi parar. Nem em tempos de internet, que facilitaram o trabalho de reencontrar e conectar pessoas distantes, foi possível ter alguma notícia do seu paradeiro. Acho que nem o Milton Neves em sua coluna “Que fim levou” sobre jogadores antigos de futebol saberia responder. Sei que Grelê não é invenção de minha imaginação porque alguns poucos confirmaram sua existência.

Talvez seja apenas a velhice que chegou com força, talvez seja alguma outra coisa que não sei bem o que é, mas sempre me atraiu saber o destino e a história de pessoas que convivi no passado, mesmo que por pouco tempo e que ficaram na memória. Uma delas é o então estudante de Ciências Biológicas (Henrique? Francisco?) em Mogi das Cruzes que conheci num galpão onde me alojei inicialmente quando fui pra lá estudar. Era de Amparo, um pouco mais velho que eu. Foi ele quem me avisou de uma vaga numa pensão, permitindo que saísse do galpão precário e mudasse para um lugar onde consegui me estabelecer para suportar a mudança de casa para fazer a faculdade de Arquitetura. Para lá, levei pouco depois o Osias Gelbert, meu colega de curso e companheiro inseparável, saímos da pensão para morar juntos numa “república” até o final do curso. O estudante de Amparo, hoje certamente aposentado, logo saiu da pensão, precisava trabalhar e mudou para São Paulo, vinha para Mogi de trem diariamente, ainda o encontrei umas vezes, mas depois perdi completamente o contato. Nunca o agradei pelo que fez na época. Não tenho nem como procurá-lo, pois não lembro seu nome.

Outro que é um mistério insondável do passado é um arquiteto. Conheci em 1972 como servidor de carreira da Secretaria de Abastecimento da Prefeitura de São Paulo onde estagiei, como eu ainda era estudante de arquitetura na FAU USP. Por uma dessas coincidências da vida, me perguntou de onde era. Quando respondi Franca, ele me disse que seu avô também, chamava-se Homero Pacheco Alves. Incrível, o professor Homero Alves é nome de escola e de rua em Franca. Outra coincidência, o Laboratório das Artes fica na esquina das ruas Homero Alves com Cuba.

Quando soube que era francano, chamou sua mãe para me conhecer, era filha de Homero Alves, que também era servidora da Secretaria. O rapaz me orientou como proceder, me dava processos para responder, eu saía de Kombi pela capital paulista para os locais mais distantes, conheci bastante as quebradas e os bairros onde havia mercados públicos, da Lapa ao Belém. Quando terminou o estágio, sai da secretaria e perdi o contato com ele. Em 1986, participei da chapa de oposição no Sindicato dos Arquitetos do Estado de SP, tendo o Nabil Bonduki como presidente. Fomos eleitos e, na posse, um dos presentes me procurou para dizer que se lembrava de mim na secretaria, era o neto do Homero Alves, já arquiteto formado. Continuava trabalhando na Prefeitura de SP. No tumulto da posse, não gravei seu nome, perdi o contato e nunca mais o localizei. Cheguei a procurar em Franca pessoas que são aparentadas ao Homero Alves para tentar localizá-lo, sem sucesso. Mistérios insondáveis da vida que nunca terei resposta.

Mauro Ferreira é arquiteto